

Bandeira não garante barraco

O desarme dos barracos na invasão do Setor de Indústria da Ceilândia começou pela área destinada ao Programa Pró-DF. Em pouco mais de duas horas, cerca de 450 barracos foram derrubados pelos funcionários da Terracap e Serviço de Limpeza Urbana, sob a proteção de 35 PMs e coordenação do Siv-Solo.

Os invasores diziam não perdoar a "traição" de Roriz com a retirada da área de 200 metros quadrados. Muitas bandeiras azuis ainda estavam hasteadas sobre as lonas. Em visita à área há 13 dias, o governador havia prometido solucionar o problema na primeira semana de agosto.

Perdida entre casebres incendiados, entulhos de lixo e um cordão de policiais, a aposentada Maria José Santos, 48 anos, empunhava uma bandeira da última campanha eleitoral de Roriz.

"Balancei demais essa bandeira no sol quente. Eu me sinto traída", revelou Maria. Em poucos segundos, uma serra elétrica colocou abaixo o barraco em que ela estava há 18 dias. Maria tem

QUEDA-DE-BRAÇO

■ *A invasão do Setor de Indústria da Ceilândia já dura 18 dias.*

■ *Cerca de 4 mil pessoas invadiram a área, em 24 horas.*

■ *A Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação distribuiu 4.850 senhas.*

■ *Cerca de 450 barracos foram derrubados ontem; pelo menos 300 estavam*

desocupados.

■ *Seis caminhões permaneceram à disposição dos invasores, para fazer a mudança.*

■ *Segundo o Siv-Solo, 800 barracos ainda permanecem na área. Segundo os invasores, há 1.370 barracos.*

■ *Cerca de 1,2 mil pessoas resistiram e não deixaram a área, ontem.*

casa, mas queria garantir um chão para seus filhos.

Com propósito igual, mas sem um lugar para onde levar seus três filhos (todos menores de quatro anos), o baiano Nilson Alcântara Roque, 30 anos, resolveu resistir. Há seis anos, ele viajou de Feira de Santana para Brasília no que considera "sorte do destino": subiu numa carreta de bois e veio parar

na capital, junto com a esposa Renilda, na época com 14 anos.

Ontem, em meio à tensão durante a negociação para desocupação, Nilson vestia uma camiseta com a inscrição ***Eu amo Brasília***. "Essa cidade é maravilhosa, tem trabalho e alimento. Mesmo sem ter onde morar, sempre temos comida", diz ele. Nilson é pedreiro, mas está desempregado.